

FULGORA LATERNARIA LINNAEUS, 1758 (HEMIPTERA: FULGORIDAE) NA CONCEPÇÃO DOS MORADORES DO POVOADO DE PEDRA BRANCA, SANTA TEREZINHA, BAHIA, BRASIL

Eraldo Medeiros Costa-Neto¹

RESUMO

Este artigo trata da construção cultural de *Fulgora laternaria* Linnaeus, 1758 por meio de entrevistas semi-estruturadas realizadas com 45 homens e 41 mulheres moradores do povoado de Pedra Branca, Brasil, no período de fevereiro a maio de 2001. Os resultados mostram que *F. laternaria* é uma espécie de inseto importante porque ela é “boa para pensar”. A morfologia do inseto influencia no modo como os moradores fazem sua identificação etnotaxonômica. Este inseto é considerado um organismo terrível que deve ser exterminado sempre que encontrado, devido ao seu ataque fatal em plantas, animais e seres humanos. Foram registradas as concepções locais sobre a origem do inseto, o hábito alimentar, processo de metamorfose, assim como sua transformação em outro organismo. Os sentimentos de medo e aversão criam obstáculos para desenvolver estratégias eficientes de conservação desse inseto. Dessa maneira, a educação ambiental pode desempenhar um papel importante na mudança de atitudes negativas com relação às espécies de *Fulgora*.

Palavras-chave: Etnozoologia, Etnoentomologia, Jequitiranabóia, Fulgorida.

ABSTRACT

The perception of *Fulgora laternaria* Linnaeus, 1758 (Hemiptera: Fulgoridae) by the inhabitants of the county of Pedra Branca, Santa Terezinha, Bahia, Brazil. *Fulgora laternaria* Linnaeus, 1758 (Hemiptera: Fulgoridae) as conceived by the inhabitants of Pedra Branca, Santa Terezinha, Bahia, Brazil. This article deals with the cultural construction of *Fulgora laternaria* Linnaeus, 1758 by performing open-ended interviews with 45 men and 41 women who live in the county of Pedra Branca, Brazil from February to May 2001. Results show that *F. laternaria* is an important insect species for the locals because it is “good to think”. People’s perceptions on the external shape of this insect influence its ethnotaxonomy. This insect is considered a fearsome organism that should be exterminated whenever it is

¹ Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Ciências Biológicas, Km 3, BR 116, CEP 44031-460, Feira de Santana, Bahia, Brasil. E-mail: eraldont@hotmail.com

found because it makes “deadly attack” on plants, animals and human beings. Local ideas about the origin of the lantern-fly, food habits, the metamorphosis process, as well as its transformation into another organism were also recorded. The insect inspires feelings of fear and aversion, which create obstacles to developing an efficient strategy for the conservation of *Fulgora* species. Environmental education can play a significant role in changing these negative attitudes.

Key words: Ethnozoology, Ethnoentomology, Lantern-fly, Fulgoridae.

INTRODUÇÃO

Os insetos incluídos em *Fulgora* Linnaeus, 1758 são encontrados desde o México até a Argentina, sendo representados por oito espécies (O’Brien, 1989) que chamam a atenção devido às lendas e mitos que as cercam. Desde os primeiros tempos da colonização das terras do Novo Mundo, cronistas, viajantes e historiadores naturais vêm registrando as impressões nativas sobre esses estranhos insetos, pois eles são acusados de serem portadores de veneno fulminante ressecando as árvores de que se alimentam e matando homens e animais (Fonseca, 1926, 1932; Poulton, 1928; Costa Lima, 1942; Lenko, 1959; Carrera, 1964, 1991).

Diz-se que até o mero contato do inseto pode ser fatal e que qualquer organismo que toque o inseto, não importa quão grande ou forte seja, cairá morto no ato (Hogue e Lamas, 1990). No Peru, a “chicharra machacui” é tão temida quanto a serpente, acreditando-se que sua picada é igualmente mortal (Dourojeanni, 1965). O único remédio conhecido contra os efeitos da picada é a consumação de um ato sexual dentro das 24 horas seguintes, pois do contrário o indivíduo morrerá (Hogue, 1985; Janzen e Hogue, 1991; Hipp, 2003). Por isso o inseto, às vezes, é também chamado de “bicho do amor” (Hogue e Lamas, 1990). Ross (1994) acrescenta que a urgência do tratamento varia: uma senhora contou-lhe que uma “cura” de 15 minutos seria suficiente e que, para um homem, uma virgem seria o melhor antídoto. Alguns indivíduos preferem considerar que a picada não é venenosa, mas que possui a virtude de injetar um afrodisíaco (Hogue e Lamas, 1990). Não é sem razão que, na Colômbia, a expressão coloquial “picado por la machaca” é aplicada ao indivíduo com grande apetite sexual (Anzola, 2001). Na cidade de San Cristóbal, Venezuela, as mulheres jovens crêem nas virtudes passionais do inseto. Uma das jovens entrevistadas por Hogue e Lamas (1990) afirmou que: “¡La machaca nos ha despertado! ¡Quisiera que me picara para disfrutar los efectos sin importarme lo que piensen los mojigatos!”

No Brasil, as espécies de *Fulgora* recebem diversos nomes comuns, particularmente “jaquiranabóia”. Etimologicamente, a palavra jaquirana é de origem guarani: *ñakyrã* significa cigarra (Sampaio, 1995). Tastevin (1923) explica que os

indígenas chamam-na *mboia* porque julgam que a picada do ferrão que ela tem no peito seja mortífera. Segundo Cruz (1935), o termo jakiranaboia é uma corruptela de andiranabóia e significa animal parecido com morcego (*andirá*) com corpo de cobra (*mboia*). Carrera (1991) corrobora a origem tupi-guarani para o termo, que significa cigarra parecida com cobra (*iequi* = cigarra; *rana* = parecido; *mboia* = cobra). Com esta designação, o indígena demonstrou reconhecer a afinidade filogenética que estes insetos têm com as cigarras.

Entre os índios Bororo, *aróe eporéu* é a designação genérica das jequitiranabóias e significa inseto semelhante na sua forma exterior a um cadáver envolvido em esteiras (Albiseti e Venturelli, 1962). Os índios Canela que vivem ao sul de Barra do Corda, Maranhão, denominam o inseto de *ka-no-iará* e de *heganunui*. Infelizmente, a etimologia dessas palavras não foi fornecida (Vanzolini, 1956-58). O autor diz ainda que não encontrou sinais de lendas sobre o animal.

No Estado do Ceará, nordeste do Brasil, o termo jequitiranabóia é sinônimo de indivíduo terrível e assim são chamados aqueles que perderam sua boa reputação (Lenko e Papavero, 1996).

Devido à sua importância lendária, as espécies de *Fulgora* estão representadas nas artes gráficas e plásticas, bem como na música de diferentes países. Em 1987, por ocasião do 50º aniversário da Sociedade Brasileira de Entomologia (SBE), a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos editou uma série de dois selos comemorativos, sendo que um deles ilustrava a espécie *F. servillei* Spinola, 1839 (atualmente, *F. laternaria* Linnaeus, 1758), símbolo da SBE. Igualmente, a Sociedade Colombiana de Entomologia conta com o periódico anedótico “La Machaca” como um de seus órgãos de difusão. Na música folclórica do Equador e da Colômbia, o ritmo rápido conhecido como *cumbia* reflete as emoções que se seguem à picada do inseto (Ross, 1994). A jequitiranabóia, nome comum em algumas regiões do Brasil, ainda é considerada como atração turística e possui valor como *souvenir* (Hogue, 1984): em 1964, um espécime custava nove dólares em Tingo Maria, Selva Central, Peru (Organização dos Estados Americanos, 1987).

Em 1705, Sybilla Mérien denunciou ter observado o fenômeno da luminescência nesses insetos; por isso que eles foram batizados pela designação genérica de *Fulgora* Linnaeus. Muito provavelmente o nome genérico deva sua origem ao panteão mitológico romano, no qual Fulgora era a deusa que protegia as residências contra relâmpagos e tempestades terríveis (Ross, 1994). Embora sejam notáveis por seu tamanho (as espécies variam em tamanho desde 7 mm a 95 mm de comprimento – O’Brien & Wilson, 1985) e apresentem formas bizarras, cores brilhantes e secreções de cera, pouco se sabe sobre a autoecologia dos grandes membros neotropicais de Fulgoridae (Hogue et al., 1989).

Considerando-se a pouca informação disponível sobre a biologia e o ciclo de vida desses insetos, e especialmente as lendas sobre eles, foi realizada uma pesquisa de cunho etnoentomológico com o objetivo de registrar as concepções, os conhecimentos e os comportamentos de uma pequena comunidade do Estado da Bahia sobre a jaquiranabóia. Espera-se que o conhecimento etnoentomológico possa contribuir para um maior aporte científico sobre esse inseto.

MATERIAL E MÉTODOS

Os dados aqui apresentados fazem parte de um projeto de pesquisa mais amplo, cujo objetivo foi registrar como os moradores do povoado de Pedra Branca percebem, identificam e usam os insetos com os quais convivem e interagem. O povoado dista 202 Km de Salvador e cerca de 13 Km do município de Santa Terezinha, ao qual pertence, localizando-se no sopé da Serra da Jibóia. Esta é um maciço serrano de aproximadamente 22.500 ha de área, com altitude máxima de 839m e situada a 12°51'S e 39°28'W (Costa-Neto e Pacheco, 2003).

O total de famílias residentes no povoado de Pedra Branca é de 106, segundo a Agente de Saúde local (comunicação pessoal, 2005). A maioria das famílias vive da atividade agrícola, especialmente o cultivo do fumo, da uva e da mandioca. Inclusive, alguns moradores fabricam vinho artesanalmente. A pecuária também é importante, principalmente os rebanhos bovino e caprino. Os homens realizam outras tarefas, como construção civil, somente quando há disponibilidade.

O trabalho de campo foi desenvolvido no período de fevereiro a maio de 2001, realizando-se entrevistas abertas e observações comportamentais. As primeiras foram feitas seguindo-se preceitos etnocientíficos com enfoque êmico (Sturtevant, 1964), enquanto as segundas tiveram um caráter *ad libitum*. O universo amostral foi constituído de 45 indivíduos do sexo masculino e 41 do sexo feminino, cujas idades variaram de 13 a 108 anos. Esse número reflete apenas aqueles entrevistados que forneceram informações sobre a jequitiranabóia. As entrevistas ocorreram em contextos individuais e coletivos, buscando-se sempre registrar as impressões nativas sobre o inseto. A maior parte das entrevistas foi registrada em fitas micro-cassetes. As transcrições semiliterais encontram-se depositadas no Laboratório de Etnobiologia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Os dados foram analisados segundo o modelo de união das diversas competências individuais (Hays *in* Marques, 1991). Segundo este modelo, toda informação pertinente ao assunto pesquisado é considerada. Os controles foram feitos através de testes de verificação de consistência e de validade das respostas (Marques, 1991), recorrendo-se a entrevistas repetidas em situações sincrônicas e diacrônicas.

As primeiras ocorrem quando uma mesma pergunta é feita a pessoas diferentes em tempos bastante próximos e as segundas, quando uma pergunta é repetida à mesma pessoa em tempos bem distintos.

Durante todo o período de permanência no campo, apenas um espécime foi coletado por um morador local. Isso possibilitou a realização de testes projetivos, os quais consistiram na apresentação tanto da fotografia quanto do próprio espécime aos informantes para que falassem sobre o inseto. Na ocasião, a reação dos informantes e demais moradores da comunidade (muitos dos quais nunca tinham visto o animal) foi registrada. O espécime, identificado como pertencente à *Fulgora laternaria* Linnaeus, 1758, foi processado conforme os padrões usuais de coleções para museus e depositado no acervo da coleção de entomologia da UEFS.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os moradores do povoado de Pedra Branca mantêm três dimensões conectivas com *F. laternaria*: cognitiva, afetiva e etológica. Essas dimensões permeiam todo o processo de interação dos moradores com o inseto (e demais elementos bióticos do meio que os cerca). No que se refere à dimensão cognitiva, foram registrados conhecimentos locais sobre taxonomia, hábitat, ecologia trófica e reprodução. Verificase que as atitudes dos moradores com relação ao inseto (dimensão etológica) resultam da maneira como percebem e reagem ao inseto (dimensão afetiva). Embora seja um animal críptico, de difícil observação, *F. laternaria* se revela como um dos insetos que tem uma importância cultural significativa para os moradores de Pedra Branca. Mesmo que essa importância não seja de uma perspectiva utilitária, uma vez que o inseto não é considerado como um recurso alimentar nem medicinal, ele é “bom para pensar” no sentido levistraussiano (Lévi-Strauss, 1989).

No povoado, *F. laternaria* é conhecida por pelo menos seis nomes diferentes: jitiranabóia, jitirana, cobra-de-asa, tiranabóia, cobra-cega e serra-velha. No Brasil, registram-se vários sinônimos, tais como gitirana, jitirana, jaquiranabóia, jaquitiranabóia, jequitiranabóia, jiquitiranabóia, jaquitirana, jequitirana, jitiranabóia, tiranabóia, tirambóia, cobra-voadora, cobra-do-eucalipto, cobra-de-asa, cobra-do-ar, cobra-cigarra, serpente-voadora, gafanhoto-cobra, cigarra-doida, cigarra-cobra, jacaré-namboya e inseto-lanterna (Casudo, 1972; Becker, 1976; Hogue, 1985; Buzzi, 1994; Lenko e Papavero 1996). Von Ihering (1963), contudo, diz que a pronúncia original é jaquiranabóia.

Provavelmente, a abundância de léxicos para *Fulgora* resulta de sua morfologia. Em Pedra Branca, quando os informantes falavam do inseto, o que mais lhes chamava a atenção era a “cabeça”, cujo formato lembrava-lhes a de uma cobra ou a de um jacaré/crocodilo; a semelhança com uma castanha também foi notada:

“A cabeça é invocada. Parece uma castanha” (Seu E., 62 anos).

“A cabeça dela parece com a de um crocodilo” (Dona E., 34 anos).

“Sua cabeça é feia desgraçada; feito cobra mesmo” (Dona V., 58 anos).

“Eu tô explicando que a cabeça dela parece assim uma cabeça de jacaré. Já viu? Tem uma boca assim fechada e a cabeça dela é fofa, bem fofa, né? Não tem miolo, não tem nada. E ela é horrorosa” (Dona N., 38 anos).

Fulgora se caracteriza pelo desenvolvimento exagerado da cabeça, na qual apresenta manchas laterais que se assemelham a olhos, assim como uma série lateral de manchas triangulares que, em conjunto, dão a aparência de um animal agressivo (Brailowsky e Beutelspacher, 1978). Gilmore (1986), comentando sobre o inseto, diz que “seu rosto inchado, que se parece fantasticamente a uma cabeça de jacaré, reproduz até mesmo seus olhos protuberantes e dentes afiados”. Von Spix e Von Martius (1938) já tinham notado a semelhança, pois grafaram o nome de jacaré-mamboya, a cobra-jacaré. Ao descrever dois espécimes provenientes da Amazônia brasileira, Poulton (1933) registrou que a aparência de toda a superfície visível do inseto em posição de descanso (com exceção das asas), lembrava o réptil. De acordo com O’Brien e Wilson (1985), os insetos incluídos em *Fulgora* apresentam uma cabeça que lembra um amendoim (visão dorsal) ou a cabeça de um jacaré (visão lateral). Certa semelhança com a cabeça de serpentes também pode ser admitida, especialmente se levados em conta os seguintes caracteres: a mácula quadrada lateral com as escamas labiais e caroços dos boídeos, e um ponto negro entre os falsos olhos e narina com a fosseta loreal de víboras arborícolas incluídas em *Bothrops* (Hogue, 1984). O inseto também foi comparado a um dragão alado (Casculo, 1972).

De acordo com Fonseca (1926), a estruturação do apêndice cefálico das espécies do presente gênero deve-se ao “extraordinário desenvolvimento de certas regiões de sua superfície (vértex, frente, faces etc.), que se prolongam para frente à guisa de bexiga, formando gibosidade”. Acredita-se que a proeminência da região frontal, que em certas espécies de fulgorídeos prolonga-se em um processo volumoso análogo aos processos torácicos dos Membracidae (Grasse, 1951), seja uma defesa contra os inimigos naturais (aves, lagartos e pequenos mamíferos). No entanto, não existem relatos que comprovem a vantagem protetora desta formação (Hagmann, 1928). Pássaros, por exemplo, são predadores de outras espécies de fulgorídeos, como demonstrado pela análise do conteúdo estomacal e de fotografias (Lois O’Brien, comunicação pessoal, 2001).

Em associação com a cabeça está o “ferrão”, o qual é imputado como o veículo usado pelo inseto para injetar a peçonha mortal conforme se observa nos trechos abaixo:

“Ela tem um ferrão na barriga. Se bater é matar o pau. Seca. Pode ser um pé de jaca (*Artocarpus integrifolia* Linnaeus), pode ser um pé de coco (*Cocus nucifera* Linnaeus, 1753), pode ser o que for. Se bater numa pessoa também já foi” (Seu M., 57 anos).

“O ferrão dela é assim debaixo. Na hora que ela vai sentar na pessoa, aí ela estica” (Seu L., 41 anos).

“Tem um ferrão danado. Quando ela infinca assim o ferrão naquela madeira, ali ela mata a madeira” (Dona S., 82 anos).

“Diz que o perigo dela, diz que é quando ela tá enravada. Quando ela voa, diz que ela bota o biquinho (“ferrão”) pra frente. Onde ela tocar aquele bico, que é venenoso [...]. Ela tando tranqüila não é braba não” (G., 22 anos).

“Ela não tem boca, tem ferrão” (Seu E., 80 anos).

O “ferrão”, que todos temem, nada mais é do que o estilete sugador que se encontra na linha média do corpo, entre as articulações das pernas (Santos, 1987). Esse “dardo homicida” (Cruz, 1935) projeta-se para fora apenas quando o inseto suga as plantas. Dukinfield Jones, que passou muitos anos no Brasil, corroborou a afirmação sobre as superstições nativas de que o inseto possui um espinho ou ponta venenosa no final da cabeça capaz de infligir uma ferida se voar direto ao peito de um homem (Poulton, 1928).

Uma outra característica morfológica que foi salientada refere-se à ausência de olhos da jequitiranabóia. Dos 86 entrevistados, apenas 14 afirmaram que o inseto é cego. Um dos motivos para o pânico generalizado quando se percebe a presença do inseto nas imediações do povoado deve-se justamente à suposta cegueira, pois quando ele “voa no meio dos vivos, ceifa vidas sem distinção de classe” (Fonseca, 1926). O depoimento a seguir ilustra bem o temor pelo vôo incerto do inseto: “Aquele tiranabóia é assim. É, por exemplo, as pessoas têm que ter muita defesa porque [...]. Se ela vem voando, aonde ela [...]. Porque ela é cega. Ela bate. A árvore que ela pegar morre. Na pessoa, diz também que (se) ela bater, morre” (Dona E., 52 anos). A aparente cegueira da jequitiranabóia foi questionada por um dos informantes: “O povo diz que é cega. Mas é o quê? Uma vez eu matei uma e vi dois olhos que nem o de cigarra” (Seu E., 62 anos).

Além da cabeça, as asas mereceram destaque por parte de alguns informantes por causa das manchas ocelares: “Tem focos assim na asa. Parece dois olhos, que quando ela voa a gente vê” (Seu E., 62 anos). Em outra ocasião, esse mesmo informante disse: “Eu sei que bonito é quando ela está voando, porque tem dois olhos debaixo das asas”. Uma entrevistada chegou a comparar as manchas das asas com os ocelos das penas do pavão. A literatura registra que *F. laternaria* lembra o aspecto da borboleta-coruja (*Caligo*, a “bruxa” na percepção local) porque as asas

posteriores, mais curtas e mais largas que as anteriores, apresentam grandes manchas que lembram olhos de coruja (Von Ihering, 1968; Penny e Arias, 1982). Tais manchas oclares parecem servir como alarme ou ter função de aviso (Robinson, 1982; O'Brien, 1989).

Os entrevistados salientaram ainda a presença de uma “cinza” liberada pelo inseto. Os fulgorídeos são conhecidos pela secreção de cera, cujos filamentos brancos solidificam-se em contato com o exterior e assumem o aspecto de uma substância mais ou menos parecida com flocos de amianto (Von Ihering, 1968). Às vezes, a cera é tão abundante que chega a cobrir parte do corpo do inseto e isso o ajuda a dissimular-se entre aos acidentes da superfície do tronco (Carrera, 1956; Robinson, 1982). Os filamentos de cera podem mesmo formar uma cauda, mais ou menos alongada, como se pode ver em *Phenax variegata* (Olivier, 1791) e espécies de *Lystra* Fabricius (Costa Lima, 1942). Na Colômbia, essa secreção é tida como altamente afrodisíaca (Anzola, 2001). O pó branco que reveste o corpo do inseto já foi considerado como um forte emético: “a simples inalação desse pó já bastava para provocar vômitos” (Burmeister, 1952).

A percepção da morfologia externa da jequitiranabóia tem um papel preponderante no sistema de classificação etnoentomológico dos moradores de Pedra Branca. O formato da cabeça, a presença de ocelos nas asas posteriores, a presença de um “ferrão”, a secreção de cera e a ausência de boca e de olhos são todos caracteres salientes e importantes na construção imaginária de um animal considerado potencialmente mortal para homens, animais e plantas. A depender do modo como a jequitiranabóia é percebida pelos moradores do povoado, ela pode ser categorizada em cinco domínios etnossemânticos distintos: cobra, mariposa cigarra, besouro e gafanhoto. Abaixo, citam-se exemplos de depoimentos referentes à etnotaxonomia do inseto:

“É um besouro, mas ela tem um formato de cobra” (E., 24 anos).

“Ela, com as asas fechadas, imita uma mariposa” (Seu A., 56 anos).

“É uma bichona grande tipo uma mariposa. Tem uma cara de lagarta” (Dona M., 55 anos).

“É uma cobra, né? Cobra-de-asa” (Seu Z. P., 108 anos).

“Jitirana é uma cobra. Ela parece com a cobra-espada” (Seu J. B., 53 anos).

“Ela é tipo um gafanhoto. [...] Parece com o soldadinho” (Dona L., 78 anos).

“Dizem que ela é uma cobra venenosa e que é no tipo de uma cigarra” (Seu D., 78 anos).

As espécies de *Fulgora* tanto podem ser incluídas em grupos taxonômicos não sistematicamente relacionados, quanto destes excluídas. Como se observa, cobra foi

o domínio etnossemântico utilizado pela maioria dos informantes para a classificação do inseto. Cobras, porém, também são incluídas no domínio inseto, uma vez que nos sistemas de classificação etnobiológicos o termo “inseto” abrange outros táxons além de Insecta. O modo como as sociedades humanas constroem a etnocategoria “inseto” foi explicado por Costa-Neto (2000) através da Hipótese da Ambivalência Entomoprojetiva. Segundo o autor, os seres humanos tendem a projetar sentimentos de nocividade, periculosidade, nojo e menosprezo a animais não-insetos (p. ex., sapos, ratos, cobras, morcegos, lagartixas, aranhas etc.), associando-os à categoria “inseto” determinada culturalmente. Nolan e Robbins (1999) afirmam que a organização de domínios semânticos etnozoológicos (p. ex., mamíferos, cobras, aves, peixes, insetos etc.) é influenciada pelo significado emotivo e atitudes culturalmente construídas com relação aos domínios. Em Pedra Branca, a constante inclusão de *F. laternaria* no domínio cobra e a forte aversão ao inseto puderam ser observadas tanto durante os testes projetivos, como na única vez em que um espécime foi coletado por um morador local, o qual não tocou no inseto e foi acompanhado por um pequeno grupo de curiosos que queriam ver de perto a estranha criatura. Na ocasião, alertaram o perigo de manusear a cobra-de-asa! Apesar disso, a categorização como cobra foi questionada por uma entrevistada, que indagou sobre a presença de “pés” (pernas) ao ver a fotografia de um exemplar: “Essa aqui é a cobra-de-asa? Nem em fotografia eu conhecia. Cobra-de-asa de pé? Parece mais um inseto, uma coisa né? De perna e tudo! Cobra é rastejante” (Dona T., 68 anos).

Ainda com relação à etnotaxonomia, registrou-se a informação de que na região da Serra da Jibóia existem dois tipos de jequitiranabóias: uma verdadeira e uma falsa. Segundo o único entrevistado que forneceu a informação, “a primeira tem a cabeça redonda; a falsa é fininha” (Seu T., 34 anos). Poder-se-ia hipotetizar sobre a existência de mais de uma espécie de *Fulgora* convivendo simpatricamente na área, uma vez que a literatura registra a ocorrência de mais três espécies no Estado da Bahia: *F. lampetis* Burmeister, 1845; *F. graciliceps* Blanchard, 1849; e *F. lucifera* Germar, 1821 (O’Brien, 1989). Necessita-se, então, da realização de estudos taxonômicos mais aprofundados.

Considerando-se o conhecimento entomológico dos moradores de Pedra Branca referente ao local de ocorrência de *F. laternaria*, observou-se que a maioria associa o inseto à Serra da Jibóia: “Gosta mais da serra. Aí na serra é a morada dela” (Seu J., 78 anos). Um conhecimento ecológico mais refinado baseado em hábitat revela que a jequitiranabóia vive no tronco de uma árvore conhecida localmente como pau-paraíba (*Simarouba* sp., Simaroubaceae), como se observa nos depoimentos a seguir:

“Pode ir qualquer tempo que se encontra. Às vezes, tem duas, três no mesmo pau” (Seu E., 62 anos).

“Agora aí, mas pelos mato aí, tem um pau que dizem que é aonde ela fica mais. É na tal pau-paraíba [...]. Quem conhece, vê e diz: ‘Aquilo ali é jquitiranabóia’” (Seu Q., 64 anos).

Bondar (*in* d’Araújo & Silva *et al.*, 1968) afirmou que, na Bahia, *F. laternaria* cria-se em *Simaba versicolor* Auguste Saint-Hillaire. No final do século XIX, ao longo da costa sul do Estado da Bahia, a jequitiranabóia era conhecida pelo nome de *bicho do pau parahy’ba* por freqüentar a árvore desse nome (Brenner, 1885). (Segundo o autor, espécimes podiam ser conseguidos através de negociantes por cerca de 50 centavos.) Jequitiranabóias e outras espécies de Fulgoridae também já foram observadas e coletadas nos troncos de *Simaba amara* Aublet em Santarém, no Pará, e na região do rio Marmoré, na Bolívia (Poulton, 1933).

A preferência por determinadas espécies de árvores foi constatada por Johnson & Foster (*in* Hogue *et al.*, 1989). Em um estudo realizado por um período de cinco anos no Parque Nacional Santa Rosa, na Costa Rica, estes autores observaram que de 100 adultos de *F. laternaria*, 98 foram encontrados nos troncos de *Hymenaea* sp. (Fabaceae). Hogue (1984), examinando uma *S. amara* nas proximidades de Iquitos, Peru, registrou a presença de mais de 20 espécimes de *Lystra lanata* (Linnaeus, 1758). Essa preferência tem uma explicação científica: os Fulgoromorpha geralmente estão intimamente associados às plantas hospedeiras que lhes fornecem alimento, abrigo e proteção contra predadores (Penny e Arias, 1982). De acordo com Hogue (1984), plantas de cinco famílias botânicas diferentes são consideradas como hospedeiras de *Fulgora* por várias razões, tais como: produção e concentração de resinas (*Hymenaea*, *Myroxylon*, *Vochysia*), óleos (*Lecythis*, *Eucalyptus*) ou substâncias amargas em sua seiva (*Zanthoxylum*, *Simarouba*, *Simaba*), possivelmente gerando compostos alelopáticos.

Os entrevistados também mencionaram o fato de que a jequitiranabóia, ao morrer, fica presa à árvore: “No lugar que ela senta, fica. Aí ela infica o ferrão também não sai. Ali, ela morre naquele lugar. Se não matar, ela morre” (Dona L., 66 anos). Um outro disse: “Os antigos diziam que ela tinha um modo de sentar na madeira verde. Ela ia seguindo sentando, depois acostumava enfraquecer e morrer” (Seu M., 68 anos). Esta observação já fora comprovada por Francisco Peres de Lima, em 1938 (Lenko e Papavero, 1996).

Os conhecimentos locais sobre o hábito alimentar da jequitiranabóia referiram-se ao tipo de alimento e ao modo de obtê-lo: o inseto “se alimenta da umidade da madeira” (Seu E., 88 anos), pois ele “suga da árvore” (M., 30 anos). Essa “umidade” a que o informante se referiu pode ser interpretada como a seiva das árvores, uma

vez que os fulgorídeos nutrem-se exclusivamente de vegetais. Eles introduzem seu aparelho bucal (“ferrão” ou “bico”) através do revestimento do caule das plantas, sugando-lhes o floema (O’Brien e Wilson, 1985). Aparentemente, os entrevistados não reconheceram a árvore hospedeira (pau-paraíba) como sendo também fonte de alimento para *F. laternaria*.

Dentre as espécies vegetais de que *Fulgora* se alimenta, encontram-se: pau-de-tucano ou caixeta (*Vochysia tucanorum* Martius, Vochysiaceae), pau-de-óleo (*Myroxylon balsamum* Harms, Fabaceae), sapucaias (*Lecythis* spp.) e marupá (*Simarouba* spp.) (Poulton, 1933; Cruz, 1935; Lenko e Papavero, 1996). Johnson e Foster (1986) relataram que o floema de *Simarouba amara* Aublet encontra-se logo abaixo do tronco liso e fino. Estes autores salientam que essa espécie produz um fagoestimulante no tronco chamado simarolida, um quassinóide que provavelmente é responsável pela grande atração do inseto pela árvore.

Informações locais sobre a origem do inseto na área de estudo também foram registradas. Alguns indivíduos acreditam que a jequitiranabóia é proveniente do sertão: “Dessa cobra aqui não existia. A gente só sabia a história. Porque diz que tinha no sertão” (Dona E, 52 anos). De acordo com a percepção de uma outra entrevistada, a jequitiranabóia chegou na Serra da Jibóia porque “acompanhava as boiadas que vinham do sertão, de lugares distantes” (Dona M., 62 anos). Um terceiro entrevistado afirmou que o inseto é originário do sul (provavelmente, ele aqui se refere à região de Mata Atlântica ao sul do Estado da Bahia). A noção de que a jequitiranabóia vem do sertão foi utilizada pelo lexicógrafo Cândido de Figueiredo no verbete concernente e totalmente incongruente: “Borboleta venenosa do sertão” (Santos, 1987).

Quanto à percepção dos aspectos comportamentais da jequitiranabóia, o mais comentado e melhor conhecido é o suposto “ataque mortífero” a plantas e seres humanos. Uma vez que o inseto é freqüentemente percebido e categorizado como “cobra”, os moradores de Pedra Branca conferem-lhe, por analogia, o mesmo pavor que sentem pelos ofídios. Por isso foram registrados os seguintes depoimentos:

“Eu ouvia falar um alarde da jitanabóia, que é venenosa demais. Eu ouvi a mainha dizer assim que o pé de pau que ela sentasse morria. Eu achava que só por sentar assim em alguma coisa já morria. E aqui não tinha aquela cobra não. Eu fui conhecer essa cobra agora, há poucos dias” (E., 24 anos).

“O povo tem medo porque ferra, ferroa as pessoas. É igual à cobra. O veneno que a cobra tem, ela tem” (Dona M., 55 anos).

“Eu nunca ouvi não (sobre algum caso de óbito), mas a gente sente assim que vê uns pé de árvore numa mata, eles todo seco, com as folha toda carrada e todo morto sem quê nem pra quê. Só pode ser ela mesmo” (Dona P., mais de 80 anos).

“Quando ela pousa na árvore, a árvore morre. Se ela triscar o ferrão dela, aí pronto. Numa pessoa, se ela tocar aquele ferrão, já morreu. É o ferrão que mata” (Dona V., 58 anos).

Embora a maioria dos moradores entrevistados tenha mencionado a periculosidade da jequitiranabóia, houve indivíduos que questionaram os perigos a ela atribuídos: “Eu não sei não. Se fosse assim (n)a mata já tinha morrido muitas (referindo-se ao fato de seu veneno ser fatal para as árvores)” (Dona G., 41 anos); “O pessoa diz que ela é venenosa, mas só que F. (19 anos) olhou no dicionário e ele diz que não é não” (Dona E., 52 anos). Carrera (1991) afirma que os prejuízos causados ao vegetal com sua picada são insignificantes e nunca lhes pode ocasionar a morte. Algumas espécies de insetos sugadores de seiva, no entanto, produzem um excremento doce e aguado (o melado) que serve de substrato para o crescimento da fumagina, que cobre completamente a folha. Com isso, ocorre uma diminuição da fotossíntese, com conseqüente dano no vigor da planta (Kessing e Mau, 2001). Com base nos depoimentos dos entrevistados, muitos dos quais falaram de árvores que vieram a morrer devido à jequitiranabóia, poder-se-ia inferir que o inseto provavelmente seja portador de algum tipo deletério de vírus ou bactéria. Talvez fosse o caso de se realizar uma investigação fitopatológica nas árvores “atingidas” pelo inseto.

Quando indagados sobre a possível ocorrência de algum caso de injúria e/ou morte devido ao “ataque” da jequitiranabóia a moradores da comunidade, os entrevistados responderam que nenhum incidente real havia sido registrado. Mesmo assim, a crença persiste: “Fala que se picar morre, mas ninguém nunca viu nenhum morrer” (Dona E., 34 anos); “Mas você vê que é Deus que... Deus é tão bom que não deixa nem acontecer com nenhum da gente” (Dona E., 56 anos).

Histórias de encontros dramáticos e trágicos abundam na literatura. Em meados do final do século XIX, atribuía-se ao inseto a reputação de fulminar animais e árvores (Brenner, 1885). O autor registrou que por toda a Amazônia, quando um macaco subitamente tombava morto das copas das árvores, sem qualquer causa aparente, dizia-se que ele tinha sido afetado pela jequitiranabóia. Brenner ainda comentou que um jornal hispano-americano, publicado dois anos antes, afirmava que o inseto havia destruído o gado dos pastos do interior do sudeste do país. Bates, um eminente entomólogo britânico que por onze anos coletou insetos ao longo do rio Amazonas no século XIX, registrou que uma jequitiranabóia surgiu de repente da floresta e atacou e matou oito dos nove tripulantes de um barco (Bates, 1943). A idéia de que o inseto é peçonhento está tão arraigada no senso comum que até mesmo um entomólogo do Museu Nacional do Rio de Janeiro disse que o contato com o animal fez-lhe mal! (Lenko e Papavero, 1996).

Em Barreiras, região Oeste do Estado da Bahia, Rogério Parentoni Martins (comunicação pessoal, 2003) conta sobre o episódio em que um homem, morador local, arrastava uma jequitiranabóia que tinha sido amarrada a um fio de eletricidade encapado de cerca de 4 m de comprimento para não dar choque. O homem dissera que além de dar um choque bravo, capaz de matar, o local onde o inseto pousasse na árvore apodrecia.

Aparentemente, o mal atribuído ao inseto não é de toda uma simples crença. De acordo com Hagmann (1928), não é impossível que *F. laternaria* de fato possa ferroar quando manuseada inadvertidamente. E circunstâncias acidentais podem tornar o inseto tóxico. Às vezes, ele se alimenta de açacuzeiros (*Hura crepitans* Linnaeus, Euphorbiaceae) e outros vegetais que produzem alomônios, extraindo e fazendo-se depositário de tóxicos fatídicos (Orico, 1975). Sabe-se, por exemplo, que terpenóides são sequestrados pelos insetos e usados defensivamente por alguns deles (Hogue, 1984). Felizmente, nenhum caso de óbito decorrente do ataque da jequitiranabóia foi registrado na literatura científica.

Se a inofensividade do inseto persiste, então qual o motivo para a tradição aterradora? Seguramente, a semelhança com ofídeos é uma das explicações possíveis, mas a origem desse temor pode também ser encontrada nos mitos e lendas indígenas. Para determinados grupos da Amazônia, os insetos (ou pelo menos alguns deles) parecem ser considerados como a manifestação tangível de princípios nefastos, imputáveis à atividade de feiticeiros maléficos (Césard et al., 2003). A crença em espíritos de insetos vingadores que picam faz parte do folclore das sociedades sul-americanas, que associam vespas e abelhas a uma variedade de forças míticas (Lévi-Strauss *apud* Shepard Júnior, 1999). Os Munducuru, por exemplo, consideram os piolhos como a materialização concreta da vontade que certos animais têm de causar moléstias. Em uma lenda amazônica sobre a matintaperera, a jequitiranabóia é tida como um instrumento de suplício (Lenko e Papavero, 1996). Devido, talvez, à morfologia anômala da jequitiranabóia, os xamãs de muitas tribos amazônicas a consideram magicamente poderosa e a carregam em seus sacos de amuletos (O'Brien e Wilson, 1985).

No povoado de Pedra Branca, os comportamentos socialmente construídos com relação à jequitiranabóia colocam-na como um organismo que deve ser exterminado ou temido sempre que encontrado. Uma vez que os indivíduos estão agindo com base em motivos “racionais” (embora cientificamente incongruentes), pode-se dizer que o conjunto de conhecimentos (*corpus*) sobre o inseto caracteriza-se como um tipo de cognição que Anderson (1996) denomina de “quente” (*hot cognition*). Segundo ele, quanto mais “quente” a cognição sobre um determinado objeto, mais os indivíduos tendem a pensar, conhecer, falar e agir sobre ele.

Quando esse inseto é molestado, pode tamborilar a cabeça contra o tronco de uma árvore (Hogue, 1985). Este comportamento não foi comentado pelos moradores de Pedra Branca. O fenômeno da bioluminescência, que foi primeiramente registrado por Nehemiah Grew em 1681 e corroborado por Maria Sybilla Mérian no livro *Metamorphosis Insectorum Surinamensis* (1705), tampouco foi citado. Interessante observar que Grew atribuiu erroneamente a luz produzida por besouros incluídos em *Pyrophorus* (Elateridae) à *Fulgora* (China, 1924; Ross, 1994). A esse respeito, registrou Wied em sua viagem pelo Brasil nos anos 1815-1817: “Nunca observamos o menor vestígio da luz da *F. laternaria*, embora a tenhamos várias vezes apanhado nas árvores, principalmente na caixeta; os habitantes do lugar tampouco confirmaram o que se conta a respeito da claridade que espalha, o que me leva a supor que se forjaram fábulas sobre esse inseto” (Von Wied, 1940).

Uma luminescência transitória em *Fulgora* de fato pode ser observada, mas esta se deve ao aparecimento temporal e geralmente mortal de bactérias patogênicas que se desenvolvem sobre o abdome e a cabeça dos fulgorídeos (Costa Lima, 1942; Von Ihering, 1968) ou no ceco intestinal anterior que se aloja no prolongamento cefálico (Grasse, 1951). Uma vez que os homópteros se alimentam de floema com um desequilíbrio (para os insetos) de aminoácidos, eles são capazes de usar esses materiais através de associações simbióticas com microrganismos. Estes são encontrados dentro de células especiais denominadas micetócitos. Todos os Auchenorrhyncha parecem ter mais de um tipo de microrganismo e, em Fulgoridae, tanto fungos quanto bactérias estão presentes. Algumas espécies possuem mais de seis simbioses diferentes (Chapman, 1998).

Os caboclos da Amazônia dizem ainda que o inseto produz uma espécie de som prolongado, parecido com o apito de um trem. Esta estridulação, no entanto, é produzida pela cigarra *Quesada gigas* (Olivier, 1790) (Lenko e Papavero, 1996). Em espanhol, o nome “machaca” provavelmente vem do verbo machacar, que significa moer. O ato de moer alho ou outros alimentos no morteiro tradicional produz um chirriado igual ao que supostamente a jequitiranapóia emite, porém o nome local é incorreto visto que o inseto não produz som (Hogue e Lamas, 1990). Informações adicionais sobre o comportamento de *F. laternaria* encontram-se em Fonseca (1926), que diz:

“Quedam-se imóveis, fleugmáticos, durante horas num só lugar, conservando-se sempre de modo notável com a cabeça voltada para cima, em direção ao cimo da árvore; nunca os vi em outra posição. Também não são bravios e barulhentos como as cigarras. Deixam que qualquer pessoa chegue até a sua proximidade imediata e estenda a mão para apanhá-los. Só então se afastam, lentos e cautelosos, para um dos lados do tronco da árvore. Quando muito molestados, erguem-se vagarosamente sobre as pernas e, impulsionando o corpo com as pernas anteriores, voam para alguma

outra árvore mais próxima, produzindo com a vibração das asas, durante o vôo, um ruído surdo”.

Dos conhecimentos tradicionais sobre os aspectos reprodutivos da jequitiranabóia, a única informação registrada refere-se ao processo de muda dos indivíduos jovens para a forma adulta. Um informante-chave mencionou: “As filhas é escurinha. Depois se transforma em grandes e muda de cor. Agora ela se muda de formato quando ela vai crescentando. Fica esse mesmo tipo” (Seu E., 62 anos). Um outro disse que “a madeira que dá ela, dá um besouro que dá ela” (Seu E., 88 anos). Desse modo, os informantes mostraram ter noção do processo de metamorfose, uma vez que os insetos homópteros apresentam desenvolvimento por paurometabolía. Isso significa dizer que sua metamorfose é gradual e inconspícua (Kessing e Mau, 2001). No entanto, as “filhas” a que o primeiro informante se referiu eram os imagos de outra espécie de fulgoróide observadas nos troncos de *Simarouba* sp. nas encostas próximas ao cume da Serra da Jibóia. Aparentemente, Haggmann (1928) foi o primeiro a descrever cientificamente a ninfa de *F. laternaria*, definindo-a como “uma larva bastante esquisita pela forma de sua cabeça comprida e cilíndrica”.

Em geral, o conhecimento científico sobre a reprodução de *F. laternaria* é ainda muito escasso. Em um artigo datado de 1926, Fonseca diz que “ambos os sexos têm a mesma cor, desenho e a mesma estatura, de sorte que, a não ser pelos caracteres genitais, nenhuma diferença superficial apresentam entre si”. A literatura registra dados referentes à cópula e à oviposição, as quais acontecem na planta hospedeira. Os ovos são postos em massa na superfície do tronco, colados com um fluido coletérico e cobertos com cera exsudada do abdome (O’Brien e Wilson, 1985).

Concepções locais sobre a ontogenia da jequitiranabóia, bem como de sua transformação em outros insetos também foram registradas. De acordo com a percepção de um dos entrevistados, a jequitiranabóia “é gerada do pau-paraíba” (Seu Q., 64 anos). Uma vez que o inseto é quase sempre visualizado no tronco dessa árvore, os informantes geralmente associam o seu aparecimento à geração espontânea; isto é, o inseto nasce naturalmente da madeira. Sobre a transformação da jequitiranabóia, apenas um informante relatou que o homóptero se transforma em cobra: “O pessoal diz que vira cobra-de-cipó” (Seu C., 32 anos). Muito provavelmente, ele confundiu a jequitiranabóia com o “louva-a-deus-de-cobra” (Phasmatodea), pois no sistema de classificação local, esse é pensado originar-se de galhos de um arbusto (*Lantana camara* Linnaeus, Verbenaceae) e se transformar em serpentes (*Philodryas* sp., Colubridae).

O aparecimento inusitado da jequitiranabóia no povoado de Pedra Branca está associado às chuvas e temporais e quase sempre o inseto é visto pousado nos postes de rede de luz elétrica, conforme demonstram os depoimentos a seguir:

“Quando é tempo de trovoadas, de trovão forte, quando é no outro dia pode olhar que se encontra ela assim nos postes” (Seu J., 78 anos).

“Assim que chegou a luz elétrica apareceu pra mais de 50 nos postes de luz” (Dona M., 36 anos).

“Só desce da serra quando chove” (Seu F., 40 anos).

“Essa cobra apareceu aqui depois que botou luz. Ninguém nunca viu essa cobra aqui. Aliás, a gente via assim que nem eu já te contei do pé de árvore, né? Que ela sentou e o pé de árvore morreu” (Dona M., 62 anos).

“Quando apareceu logo, botou luz, o povo não deixava ninguém sair. Diziam: ‘A cobra tá doida! A cobra tá doida!’” (Seu V., 36 anos).

Sendo lucífilos, os insetos incluídos em Fulgoridae freqüentemente são atraídos pela luz artificial (Poulton, 1933). Fonseca (1926) observou que “estes insetos, às vezes, procuram a luz, pousando, à noite, nos postes das lâmpadas elétricas ou penetrando pelas janelas onde haja claridade”. Após a chegada da energia elétrica, mariposas, besouros, esperanças, libélulas e dezenas de outros insetos e seus predadores, atraídos pela luminosidade, tornaram-se mais comuns para os moradores. De fato, a entrada da energia elétrica no povoado de Pedra Branca foi um marco significativo na vida dos moradores, provocando grandes mudanças culturais. Um entrevistado contou que, logo no início, a energia foi motivo de xingamentos e aflição. Disse também que a maioria das árvores que margeavam a rua principal foi cortada para evitar atrair os insetos.

O horário de atividade da jequitiranabóia também foi registrado. De acordo com a percepção de um informante-chave, ela “só anda de noite” (Seu E., 62 anos). A literatura diz que os espécimes de *Fulgora* descansam durante o dia nos troncos das árvores acima mencionadas, posicionando-se verticalmente com a protuberância cefálica elevada formando um ângulo com o substrato (Hogue, 1984). O autor vê nessa posição uma correspondência mimética com a que é assumida por lagartos incluídos em Iguanidae. Esses lagartos insetívoros provavelmente são os predadores mais próximos da jequitiranabóia; daí, ela procurar parecer-se com eles.

No que se refere ao estado de conservação da região da Serra da Jibóia, poder-se-ia inferir que a sub-população local de *F. laternaria* pode estar particularmente em risco de extinção. Os dois principais problemas antrópicos à conservação dos fragmentos florestais e de sua fauna entomológica associada são: a expansão da pecuária, uma vez que o entorno está tomado por fazendas para criação de gado bovino, e a atividade madeireira que, apesar de estar proibida por lei federal, ocorre clandestinamente. Considerando-se, no entanto, o estado de conservação das florestas primárias no Brasil, é provável que algumas das espécies de *Fulgora* concorram para entrar em uma futura lista de animais ameaçados de extinção. Na Venezuela, *F.*

laternaria já figura nesta lista (Costa-Neto e Pacheco, 2003). Gabriel Mejdalani, pesquisador do Museu Nacional do Rio de Janeiro especialista em Cicadellidae, acredita que as jequitiranabóias podem estar vulneráveis, uma vez que habitam “no interior das matas primárias sobre os troncos mais grossos das árvores mais velhas” (comunicação pessoal, 2001). Já em 1933, Poulton afirmava que *F. laternaria* estava mais rara que 20 anos atrás. Lois O’Brien condiciona a conservação das espécies desse gênero à manutenção dos remanescentes florestais (comunicação pessoal, 2001). Além do desmatamento, as jequitiranabóias são capturadas como amuletos sexuais ou para colecionadores, sem que existam dados sobre o impacto que tais coletas estejam causando sobre suas populações (Anônimo, 2005).

Estratégias eficazes de conservação necessitam de uma abordagem regional na qual as comunidades humanas residentes possam estar incluídas no processo. Desse modo, o conhecimento etnoentomológico não apenas assistiria os pesquisadores em seu entendimento do papel ecológico desempenhado pelos insetos, como ajudaria na compreensão das culturas nativas e na aplicação, por parte dos tomadores de decisão, de práticas de manejo e conservação culturalmente mais viáveis (Blake e Wagner, 1987).

O conjunto de conhecimentos, sentimentos e comportamentos que os moradores do povoado de Pedra Branca possuem relacionados com a jequitiranabóia demonstra que o inseto tem uma importância cultural. Os conhecimentos locais sobre etnotaxonomia, ecologia, hábitos alimentares e etologia, em geral, estão afinados com o conhecimento científico. Com base nos conhecimentos etnotaxonômicos, provavelmente mais de uma espécie de *Fulgora* convivam simpatricamente na área da Serra da Jibóia. Um estudo taxonômico poderia aclarar essa hipótese.

O modo como os moradores comportam-se em relação à jequitiranabóia resulta da maneira como percebem e direcionam os sentimentos ao inseto. O fato de *F. laternaria* ser categorizada em diferentes domínios etnossemânticos, especialmente no domínio cobra, reforça a hipótese da ambivalência entomoprojetiva. Embora o inseto seja percebido como peçonhento, nenhum caso concreto de injúria ou morte foi registrado pelos entrevistados. Mesmo assim, as atitudes culturalmente construídas com relação à jequitiranabóia fazem com que ela seja temida ou exterminada sempre que encontrada.

Na região da Serra da Jibóia, a sub-população de *F. laternaria* pode estar ameaçada devido a ameaças antropogênicas. O desenvolvimento de um plano de conservação eficiente para as espécies de *Fulgora* necessitaria envolver a comunidade local. Daí o papel significativo da educação ambiental para modificar ou ao menos diminuir as atitudes de medo e aversão.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece a todos os informantes que contribuíram com dados culturais e também por sua hospitalidade e confiança; à Dra. Lois O'Brien, pesquisadora da Florida A e M University, pelos comentários e troca de informações que muito ajudaram na estrutura geral do trabalho. Também agradece aos dois revisores anônimos pelos comentários e sugestões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBISETI C.; VENTURELLI, A. J. 1962. **Enciclopédia Bororo**. Vol. 1: Vocabulário e etnografia. Campo Grande: Museu Regional Dom Bosco, 1025 p.

ANDERSON, E. N. 1996. **Ecologies of the heart: emotion, belief, and the environment**. Oxford: Oxford University Press, 272 p.

ANÔNIMO. La machaca. Disponível em: <<http://www.terraecuador.net/nuestra%20fauna/machaca.html>>. Acesso em: 21 nov. 2005.

ANZOLA, N. R. El zoológico colombiano. Disponível em: <<http://ocean.otr.usm.edu/~namzola/colzoo.html>>. Acesso em 11 jun. 2001.

BATES, H. W. 1943. **The naturalist on the River Amazon**. Londres: J. M. Dent & Sons Ltd, 432 p.

BECKER, C. J. 1976. Lendas e curiosidades sobre insetos: I – jequitiranabóia. **Natureza em Revista**, 1:6-19.

BLAKE, E. A.; WAGNER, M. R. 1987. Collection and consumption of pandora moth, *Coloradia pandora lindseyi* (Lepidoptera: Saturniidae), larvae by Owens Valley and Mono Lake Paiutes. **Bulletin of the Entomological Society of America**, 33:23-27.

BRAILOWSKY, A. H.; BEUTELSPACHER, B. C. R. 1978. Una nueva especie de *Fulgora* Linneo (Homoptera: Fulgoridae) de México. **Annales del Instituto de Biología de la UNAM**, 49:175-182.

BRENNER, J. C. 1885. The reputation of the lantern fly. **The American Naturalist**, 19:835-838.

BURMEISTER, H. 1952. **Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, visando principalmente a história natural dos distritos auridiamantíferos**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 341 p.

- BUZZI, Z. J. 1994. **Coletânea de nomes populares de insetos do Brasil**. Curitiba: J. Z. Buzzi, 198 p.
- CARRERA, M. 1956. **Entomologia para você**. São Paulo: Chácaras e Quintais, 185 p.
- CARRERA, M. 1964. Jequitiranabóia é inofensiva; seu mal é ser demasiada feia. **Folha de São Paulo**, São Paulo, cad. 2, p. 2.
- CARRERA, M. 1991. **Insetos, lendas e história**. Brasília: Thesaurus, 115 p.
- CASCUDO, L.C. 1972. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 811 p.
- CÉSARD, N.; DETURCHE, J.; ERIKSON, P. 2003. Les insectes dans les pratiques médicinales et rituelles d'Amazonie indigene. *In*: E Motte-Florac; J. M C. Thomas (Eds.). **Les insectes dans la tradition orale**. Paris: Peeters-Selaf, p. 395-406.
- CHAPMAN, R. F. 1998. **The insects: structure and function**. 4. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 788 p.
- CHINA, W. E. 1924. On the luminosity of *Laternaria phosphorea* L. **Transactions of the Royal Entomological Society of London**, 1:49-52.
- COSTA LIMA, A. M. 1942. Homópteros. **Insetos do Brasil, 3º tomo**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Agronomia, p. 36-50.
- COSTA-NETO, E. M. 2000. The significance of the category 'insect' for folk biological classification systems. **Journal of Ecological Anthropology**, 4:70-75.
- COSTA-NETO, E. M.; PACHECO, J. M. 2003. "Head of snake, wings of butterfly, and body of cicada": impressions on the lantern-fly (Hemiptera: Fulgoridae) in the village of Pedra Branca, Bahia State, Brazil. **Journal of Ethnobiology**, 23:23-46.
- CRUZ, E. 1935. **Na terra das igaçabas**: contos, mythos e folk-lore da Amazonia. Belém: Oficinas Graphics do Instituto "Dom Macedo Costa", 125 p.
- D'ARAÚJO E SILVA, A. G.; GONÇALVES, C. R.; GALVÃO, D. M.; GONÇALVES, A. J. L.; GOMES, J.; SILVA, M. N.; SOMONI L. 1968. **Quarto catálogo dos insetos que vivem nas plantas do Brasil**. Seus parasitas e predadores. Parte I, Tomo 1º. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 348 p.
- DOUROJEANNI, M. J. 1965. Denominaciones vernaculares de insectos y algunos otros invertebrados en la selva de Perú. **Revista Peruana de Entomología**, 8:131-137.

- FONSECA, J. P. 1926. As espécies brasileiras do gênero “*Laternaria*” (Fulgorídeos). **Revista do Museu Paulista**, **14**:471-501.
- FONSECA, J. P. 1932. Novos subsídeos para o conhecimento do gênero *Laternaria* L. (Homopt., Fulgoridae). **Revista de Entomologia**, **2**:1-5.
- GILMORE, R. M. 1986. Fauna e etnozologia da América do Sul tropical. In: D. Ribeiro (Ed.). **Suma Etnológica Brasileira**. Vol. 1: Etnobiologia. Petrópolis: Vozes/FINEP, p. 189-233.
- GRASSE, P. P. 1951. **Traité de zoologie**. Anatomie, systématique, biologie. Vol. 10. Fasc. 2: Insectes supérieures et hémiptéroïdes. Paris: Masson et Cie. Editeurs, 567 p.
- HAGMANN, G. 1928. A larva da *Laternaria phosphorea* L. **Boletim Museu Nacional**, **14**:1-6.
- HIPP, A. 2003. **Peanut-head bugs**. New York: The Rosen Publishing Group, 24 p.
- HOGUE, C. L. 1984. Observations on the plant hosts and possible mimicry models of “Lantern Bugs” (*Fulgora* spp.) (Homoptera: Fulgoridae). **Revista de Biologia Tropical**, **32**:145-150.
- HOGUE, C. L. 1985. Amazonian insect myths. **Terra**, **23**:10-15.
- HOGUE, C. L.; LAMAS, G. 1990. El bicho del amor. **Américas**, **40**:24-26.
- HOGUE, C. L.; TAYLOR, T. W.; YOUNG, A. M.; PLATT, M. E. 1989. Egg masses and first instar nymphs of some giant neotropical planthoppers (Homoptera: Fulgoridae). **Revista de Biologia Tropical**, **37**:221-226.
- JANZEN, D. H.; HOGUE, C. L. 1991. *Fulgora laternaria* (Machaca, peanut-had bug, lantern fly). In: D. H. Janzen (Ed.). **Historia natural de Costa Rica**. San José: Editorial de la Universidad de Costa Rica, p. 739-740.
- JOHNSON, L. K.; FOSTER, R. B. 1986. Associations of large Homoptera (Fulgoridae and Cicadidae) and trees in a tropical forest. **Journal of the Kansas Entomological Society**, **59**:415-422.
- KESSING, J. L. M.; MAU, R. F. L. *Lamenia caliginea* (Stal.): a derbid planthopper. Disponível em: <<http://www.extento.hawaii.edu/kbase/crop/Type/lamenia.htm>>. Acesso em: 05 abr. 2001.
- LENKO, K. 1959. Jaquiranabóia, inseto caluniado há séculos. **Caça e Pesca**, **19**:9-11.

- LENKO, K.; PAPAVERO, N. 1996. **Insetos no folclore**. São Paulo: Plêiade/FAPESP, 422 p.
- LÉVI-STRAUSS, C. 1989. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papirus, 323 p.
- MARQUES, J. G. W. 1991. **Aspectos ecológicos na etnoictiologia dos pescadores do Complexo estuarino-lagunar Mundaú-Manguaba**. Tese (Doutorado em Ecologia) - Universidade Estadual de Campinas, 198 p.
- NOLAN, J. M.; ROBBINS, M. C. 1999. Emotional meaning and the cognitive organization of ethnozoological domains. In: XXII ANNUAL CONGRESS OF THE SOCIETY OF ETHNOBIOLOGY, 1999, Oaxaca, p. 20.
- O'BRIEN, L. B. 1989. New World Fulgoridae, part I: genera with elongate head processes. **Great Basin Naturalist Memoirs**, 12:135-170.
- O'BRIEN, L. B.; WILSON, S. W., 1985. Planthopper systematics and external morphology. In: L. R. Nault; J. G. Rodríguez. (Eds.). **The leafhoppers and planthoppers**. Nova York: John Wiley and Sons, p. 69-102.
- ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS, 1987. Minimum conflict: guidelines for planning the use of American humid tropic environments. Disponível em: <<http://www.oas.org/usde/publications/Unit/oea37e.begin.htm>>. Acesso em: 04 nov. 2000.
- ORICO, O. 1975. **Mitos ameríndios e crendices amazônicas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 296 p.
- PENNY, N. D.; ARIAS, J. R. 1982. **Insects of an Amazon forest**. New York: Columbia University Press, 269 p.
- POULTON, E. B. 1928. Notes on *Laternaria* (Fulgoridae) and other "lanthorn-flies". **Proceedings of the Royal Entomological Society of London**, 2:86-88.
- POULTON, E. B. 1933. The alligator-like head and thorax of the tropical American *Laternaria laternaria*, L. (Fulgoridae, Homoptera). **Proceedings of the Royal Entomological Society of London**, 7:68-70.
- ROBINSON, M. H. 1982. Defesa contra depredadores que cazan por medios visuales. In: G. A. de Alba; R. W. Rubinoff. (Eds.). **Evolución en los trópicos**. Panamá: Smithsonian Tropical Research Institute, p. 57-76.

- ROSS, E. S. 1994. Fearsome *Fulgora*. **Pacific Discovery**, 47:19-23.
- SAMPAIO, M. A. 1995. **Palavras indígenas no linguajar brasileiro**. Porto Alegre, Sagra: DC Luzzatto, 153 p.
- SANTOS, E. 1987. **História, lendas e folclore de nossos bichos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 139 p.
- SHEPARD JÚNIOR, G. H. 1999. **Pharmacognosy and the senses in two Amazonian societies**. Tese de Doutorado - Universidade da Califórnia, 257p.
- STURTEVANT, W. C. 1964. Studies in ethnoscience. **American Anthropology**, 66:99-131.
- TASTEVIN, C. 1923. Nomes de plantas e animais em língua Tupy. **Revista do Museu Paulista**, 13:687-763.
- VANZOLINI, P. E. 1956-58. Notas sobre a zoologia dos índios Canela. **Revista do Museu Paulista**, 10:155-171.
- VON IHERING, R. 1963. **Da vida dos nossos animais**. São Leopoldo: Rotermund, 320 p.
- VON IHERING, R. 1968. **Dicionário dos animais do Brasil**. São Paulo: Ed. da UnB, 898 p.
- VON SPIX, J. B.; VON MARTIUS, C. F. P. 1938. **Viagem pelo Brasil**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 304 p.
- VON WIED, M. 1940. **Viagem ao Brasil (nos anos de 1815 a 1817)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 234 p.